

Título original:
Quest for Excitement.
Sport and Leisure in the Civilising Process

Copyright © 1986 by Norbert Elias e Eric Dunning
Copyright © 2003, 2008 by The Norbert Elias Stichting and Eric Dunning
Inicialmente publicado com o título original:
Quest for Excitement, Sport and Leisure in the Civilising Process
por Basil Blackwell Ltd., 1986

O processo civilizacional, o desporto e o lazer
© Diogo Ramada Curto, Nuno Domingos e Miguel Bandeira Jerónimo

Tradução: Manuela de Almeida e Silva

Revisão: Vanessa Domingues e Cátia Loureiro

Capa de FBA

Depósito Legal n.º 462607/19

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

ELIAS, Norbert, 1897-1990, e outro

A busca da excitação: desporto e lazer no processo
civilizacional / Norbert Elias, Eric Dunning. - (História e sociedade)
ISBN 978-972-44-2119-3

I - DUNNING, Eric, 1936-2019

CDU 316

Paginação:
JOÃO JEGUNDO

Impressão e acabamento:
Pentaedro, Lda.

para
EDIÇÕES 70
outubro de 2019

Direitos reservados para Portugal por
EDIÇÕES 70, uma chancela de Edições Almedina, S.A.
LEAP CENTER – Espaço Amoreiras
Rua D. João V, n.º 24, 1.03 - 1250-091 Lisboa – Portugal
e-mail: editoras@grupoalmedina.net

www.edicoes70.pt

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

Norbert Elias e Eric Dunning

A busca da excitação

Desporto e lazer no processo civilizacional



O processo civilizacional, o desporto e o lazer

Diogo Ramada Curto ()*

*Nuno Domingos (**)*

*Miguel Bandeira Jerónimo (***)*

A primeira tradução para língua portuguesa de *A Busca da Excitação: Desporto e Lazer no Processo Civilizacional*, de Norbert Elias (1897-1990) e Eric Dunning (1936-2019), foi editada, em 1992, na coleção «Memória e Sociedade» da editora Difel (Lisboa). A edição original, intitulada *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process* (Oxford: Basil Blackwell), tinha sido publicada em 1986. A nova edição deste livro, com tradução de Manuela Hasse, passa a incluir um texto inédito, intitulado «A génese do desporto como um problema sociológico, parte 2», porém, não integra pequenas alterações ocasionais feitas entretanto ao longo do livro, bem como o último capítulo da edição original («Football hooliganism as an emergent global idiom»), da autoria de Eric Dunning. Passados vinte e sete anos da tradução portuguesa e mais de trinta da edição original, a reedição de um livro que rapidamente adquiriu o estatuto de obra clássica justifica-se.

Talvez nunca como agora os espertalhos da institucionalização académica das disciplinas, bem como a hierarquização da importância dos temas e dos seus respetivos investigadores se façam sentir no campo das ciências sociais. Ora, o livro que agora se reedita vai na contramão de tais modos de hierarquização, sugerindo uma muito maior flexibilidade. Elias criticou uma historiografia que revelava um evidente subdesenvolvimento teórico, face a

(*) FCSH, IPRI-UNL

(**) ICS-UL

(***) CES-UC

uma especialização nas técnicas de recolha, incapaz de problematizar a questão da estrutura social; e opôs-se a uma sociologia preocupada com a identificação de estruturas e funções que pareciam estar fora da dinâmica histórica, num contexto geral em que as ciências sociais se dividiam em múltiplas especialidades. Tal como já foi dito a respeito de Norbert Elias, este livro representa bem aquele que foi um «adversário ferrenho de todas as querelas de campanário que opõem as disciplinas entre si» ⁽¹⁾.

Por um lado, porque dificilmente se encaixa em divisões rígidas disciplinares. Pondo em causa uma sociologia concentrada no presente e uma história que procedesse por acumulação de descrições, sem uma conceptualização adequada, Elias procurou fazer uma história dos processos e uma sociologia comparada das configurações, nas mais diferentes escalas micro e macro. Assim, o desporto não era um objeto que pudesse ser tratado fora das dinâmicas de mudança social que modelos gerais, como o seu, procuravam explicar. Por isso, Elias procurou inserir-se num quadro multidimensional e ultrapassar uma série de dicotomias: indivíduo-sociedade ou coletividade, economia psíquica e modos de exercício do poder associados a configurações sociais, sujeito e objeto, método empírico e teoria, representações conceptuais «verdadeiras» e conhecimento situado em configurações concretas, determinismo ou acidente circunstancial, ciência objetiva e valores ⁽²⁾. Por outro

⁽¹⁾ Alain Garrigou e Bernard Lacroix, orgs., *Norbert Elias, la politique et l'histoire* (Paris: La Découverte, 1997) [«Introdução Norbert Elias: O trabalho de uma obra», in *Norbert Elias a política e a história* (São Paulo: Perspectiva, 2001), p. XXVI]; Natalie Heinrich, *La Sociologie de Norbert Elias* (Paris: La Découverte, 1997) [*A Sociologia de Norbert Elias*, Lisboa: Temas e Debates, 2001, pp. 131-132].

⁽²⁾ Eric Dunning e Stephen Mennell, «Critical Note: 'Figurational Sociology': Some Critical Comments on Zygmunt Bauman's, The Phenomenon of Norbert Elias», *Sociology*, vol. 13, n.º 3 (Set. 1979), pp. 497-501; Richard Kilminster e Stephen Mennell, «Norbert Elias», in *The Blackwell Companion to Major Contemporary Social Theorists*, org. George Ritzer (Malden e Oxford: Blackwell, 2003), pp. 178-208.

lado, porque, desde o início, os autores do livro que agora se publica assumiram o risco de eleger o desporto e o lazer como seu objeto de estudo, desafiando quadros de análise do social só aparentemente tidos como marginais ou pouco prestigiados.

Poder-se-ia, ainda, acrescentar que o livro resiste a qualquer categorização de sentido único, pois, no seu interior, não é só uma sociologia dos desportos – das inter-relações entre as equipas, que conduzem ao autocontrolo das pulsões e à eufemização da violência, à razão de ser da violência perpetrada pelas claques – que está em causa, é toda uma sociologia histórica e política comparada, inscrita no tempo longo, que é suscitada em função dos diferentes processos de civilização sugeridos. Mas não se julgue que o esforço de Elias, para unir áreas que não encaixam numa única categoria, corresponda a uma intenção deliberada de universalizar a existência de desportos em todas as culturas. Pelo contrário, como já foi dito, com particular perspicácia, a uma conceção universalizante dos desportos, Elias opôs a sua desuniversalização. Ou seja, o que este livro propõe é «a constatação de uma descontinuidade que define o desporto a partir das características que o distinguem de outras formas de lazer e de afrontamento, quer anteriores, quer concorrentes. Os textos de *A Busca da Excitação* realçam os dados que constituem o desporto moderno na sua especificidade: o menor nível de violência permitida na exposição dos corpos, a existência de regras escritas e uniformes que codificam as práticas, a autonomização do jogo (e do espetáculo do jogo) em relação aos confrontos guerreiros ou rituais» ⁽³⁾. Obra fundamental para a institucionalização dos estudos sobre desporto, *A Busca da Excitação* não deve ser apenas matéria para especialistas, contribuindo para reforçar territórios particulares e divisões que têm tanto de

⁽³⁾ Roger Chartier, «Le Sport ou la libération contrôlée des émotions», in Norbert Elias e Eric Dunning, *Sport et Civilisation. La violence maîtrisée* (Paris: Fayard, 1994), p. 13.

corporativo, quanto de superficial. É que a criação de uma espécie de ciência burocrática não vive, apenas, da reprodução de modelos e do recurso a paradigmas, ela alimenta-se, muitas vezes, do impensado, que resulta do recurso a um leque de referências muito limitadas, capaz de criar a ilusão de um domínio de conhecimento absoluto sobre uma parcela, mesmo que ínfima, da realidade.

A sociologia do desporto da Escola de Leicester

Bastaria olhar para as obras coletivas publicadas por Elias para se perceber tanto a força das suas ideias, medida pela capacidade de influenciar discípulos e colaboradores, mesmo que num círculo muito restrito até, pelo menos, à década de 70 do século xx, como a sua capacidade para estabelecer as bases para uma série de exercícios comparativos entre diferentes configurações. Foi com base nestes últimos que foi capaz de construir «um sistema de interpretação à escala da sociologia de Weber, de uma teoria de Marx, ou de uma proposta analítica como Freud» ⁽⁴⁾. De notar, ainda, que, dos três casos conhecidos de obras coletivas, dois envolvem membros da Universidade de Leicester. Considere-se, antes de mais, o estudo sobre as relações sociais desenvolvidas entre diferentes membros da classe trabalhadora, na periferia de uma cidade industrializada, o qual foi publicado com base na tese de mestrado de um dos seus estudantes em Leicester, John Scotson, *The Established and the Outsiders* (Londres: Frank Cass, 1965) ⁽⁵⁾. Seguiu-se-lhe o trabalho coletivo com outro dos seus discípulos e

⁽⁴⁾ *Idem*, «Pour un usage libre et respectueux de Norbert Elias», *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n.º 106 (Abril-Junho 2010), p. 39.

⁽⁵⁾ John Goodwin, Jason Hughes e Henrietta O'Connor, «Return to Winston Parva: Starting to Reconstruct *The Established and the Outsiders* 'From the Margins'», *Historical Social Research / Historische Sozialforschung*, vol. 41, n.º 3 (157) – *Special Issue – Established-Outsider Relations & Figurational Analysis* (2016), pp. 18-30.

colegas de Leicester, Eric Dunning, de que resultaram uma série de artigos em revistas e capítulos, publicados entre 1966 e 1971, que acabaram por ser reunidos neste livro ⁽⁶⁾. E, por último, o livro coletivo que coeditou, resultado de uma conferência que tivera lugar na Universidade de Oxford, sobre a sociologia do conhecimento, da ciência e das universidades, numa linha que Elias prosseguia desde 1954 e passível de ser cruzada com as investigações comparativas de Joseph Ben-David e de Pierre Bourdieu, estas últimas centradas nas grandes escolas parisienses ⁽⁷⁾.

⁽⁶⁾ A série de artigos e capítulos de Elias e Dunning reunidos neste livro, mas publicados anteriormente, começou em 1966: «Dynamics of sport groups with special reference to football», *British Journal of Sociology*, vol. 17, n.º 3 (1966), pp. 388-402; «The quest for excitement in leisure», *Society and Leisure: Bulletin for Sociology of Leisure, Education and Culture*, vol. 2 (1969), pp. 50-85; «The Quest for Excitement in Unexciting Societies», in Günther Lüschen, org., *The Cross-Cultural Analysis of Sport and Games* (Champaign, Illinois: Stipes, 1970), pp. 31-51; «Folk Football in Medieval and Early Modern Britain», in Eric Dunning, org., *The Sociology of Sport: A Selection of Readings* (Londres: Frank Cass, 1971), pp. 116-132; «Leisure in the Sparetime Spectrum», in Rolf Albonico e Katherina Pfister-Binz, org., *Soziologie des Sports: Theoretische und methodische Grundlagen. Referate des 10. Magglinger Symposiums, 7. bis 13. September 1969 in Magglingen (Schweiz)* (Basileia: Birkhäuser, 1971). Textos assinados exclusivamente por Elias, encontrando-se o segundo reunido, também, neste livro: «Foreword», in Eric Dunning, org., *The Sociology of Sport: A Selection of Readings* (Londres: Frank Cass, 1971), pp. XI-XIII; «The Genesis of Sport as a Sociological Problem», in Dunning, org., *idem*, pp. 88-115.

⁽⁷⁾ Norbert Elias, «Scientific Establishments», in Norbert Elias, Hermínio Martins e Richard Whitley, org., *Scientific Establishments and Hierarchies* (Dordrecht: Reidel, 1982), pp. 3-69 [Essays, vol. I – *On the Sociology of Knowledge and the Sciences* (Dublin: UCD Press, 2009)]. Para outras publicações anteriores de Elias, na mesma área da sociologia do conhecimento: «Problems of involvement and detachment», *British Journal of Sociology*, vol. 7, n.º 2 (1956), pp. 226-52; «Sociology of Knowledge: New Perspectives», *Sociology*, vol. 5, n.º 2 e n.º 3 (1971), pp. 149-68, pp. 355-70; «Theory of Science and History of Science: Comments on a Recent Discussion», *Economy and Society*, vol. 1, n.º 2 (1972), pp. 117-33; «The Sciences: Towards a Theory», in Richard Whitley, org., *Social Processes of Scientific Development* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1974),

As obras referidas – sobre três configurações muito distintas – correspondem bem ao modo como era entendido o projeto sociológico de Elias, antes do grande impacto que conheceram os seus dois livros, respetivamente, sobre a *Sociedade de Corte* (*Die höfische Gesellschaft. Untersuchungen zur Soziologie des Königtums und der höfischen Aristokratie*, escrita em 1933) e o *O Processo Civilizacional* (*Über den Prozess der Zivilisation*, Basileia, 1939), mas que só passaram a ser mais conhecidas a partir das novas edições em língua alemã, inglesa e francesa, respetivamente, de 1969 e de 1969-1982. Tal como se, até à reforma, Elias não tivesse visto os seus livros publicados e fosse conhecido, apenas, como um sociólogo de Leicester que trabalhava em diferentes

pp. 21-42; (com Richard H. Whitley), «Introduction», in Norbert Elias, Hermínio Martins e Richard Whitley, org., *Scientific Establishments and Hierarchies. Sociology of the Sciences Yearbook 1982*, op. cit., pp. VII-XI; «What is the Role of Scientific and Literary Utopias for the Future?», in *Limits to the Future. Prescriptions and Predictions in the Humanities and Social Sciences: Essays on the Occasion of the Second NIAS-Lustrum 1981* (Wassenaar: Netherlands Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Sciences, 1982), pp. 60-80. Ver ainda Fritz Ringer, *The Decline of the Mandarins: The German Academic Community. 1890-1933* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1969); *Idem*, *Education and Society in Modern Europe* (Bloomington: Indiana University Press, 1979); *Idem*, *Fields of Knowledge: French Academic Culture in a Comparative Perspective, 1890-1920* (Cambridge: Cambridge University Press, 1992); Edward Shils, «Tradition, Ecology and Institution in the History of Sociology» [1970], in *Idem*, *The Constitution of Society* (Chicago: The University of Chicago Press, 1982), pp. 275-383; Terry Nichols Clark, *Prophets and Patrons: The French University and the Emergence of the Social Sciences* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1973); S. N. Eisenstadt e M. Cúrelaru, *The Form of Sociology: Paradigms and Crises* (Nova Iorque: Wiley, 1976); Joseph Ben-David, *Centers of Learning: Britain, France, Germany, United States* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 2017; 1.ª org., 1977); Pierre Bourdieu, *Homo Academicus* (Paris: Minuit, 1984); Loïc Wacquant, «Towards an Archeology of Academe: A Critical Appreciation of Fritz Ringer's 'Fields of Knowledge'», *Acta Sociologica*, vol. 38 (1995), pp. 181-186; Dorothy Ross, *The Origins of American Social Science* (Cambridge: Cambridge University Press, 1991); Peter Burke, «Norbert Elias and the Social History of Knowledge», *Human Figurations*, vol. 1, n.º 1 (Jan. 2012).

configurações. À sociologia das configurações, dedicou, aliás, o seu livro *Was ist Soziologie?* (Munique: Juventa, 1970, trad. portuguesa *Introdução à Sociologia*, Edições 70, 1980), publicado já depois de ter deixado Leicester, sendo que, para ele, a configuração era formada por qualquer situação de interdependência, do jogo de cartas à nação⁽⁸⁾.

Por sua vez, Eric Dunning pode ser considerado o verdadeiro fundador da chamada Escola de Leicester, nome pelo qual ficou conhecido o grupo de investigação agregado, na Universidade daquela cidade inglesa, ao *Sir Norman Chester Centre for Football Research*, mais tarde renomeado *Centre for the Sociology of Sport*. Neste grupo, destacaram-se também Patrick Murphy e John Williams, autores com quem Dunning partilhou a autoria do capítulo nono deste livro: «A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica»⁽⁹⁾. Os trabalhos de Dunning e da Escola de Leicester foram popularizados pela sua análise da violência dos adeptos de futebol, em Inglaterra. A bibliografia de Dunning ratifica largamente este vínculo⁽¹⁰⁾. Em 1979 edita os seus primeiros livros, *Barbarians, Gentlemen and*

⁽⁸⁾ Natalie Heinrich, *La Sociologie de Norbert Elias* (Paris: La Découverte, 1997) [*A Sociologia de Norbert Elias*, Lisboa: Temas e Debates, 2001, pp. 104-107]; Jonathan Fletcher, *Violence and Civilization: An Introduction to the Work of Norbert Elias* (Cambridge: Polity Press, 1997), pp. 60-61.

⁽⁹⁾ Dunning acabou por refutar a existência de uma unidade teórica, na Escola de Leicester, sobretudo após a cisão com John Williams. Eric Dunning, «The Social Roots or Football Hooliganism. A reply to the critics of the 'Leicester School'», in Richard Giulianotti, org., *Football, Violence and Social Identity* (Londres: Routledge, 1994), pp. 128-157.

⁽¹⁰⁾ Eric Dunning, Patrick Murphy, John Williams, *The Roots of Football Hooliganism: An Historical and Sociological Study* (Londres e Nova Iorque: Routledge & Kegan Paul, 1988); Eric Dunning, *Sport Matters: Sociological Studies of Sport, Violence, and Civilization* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 1999); Eric Dunning, Patrick Murphy, Ivan Waddington e Antonios Astrinakis, *Fighting Fans: Football Hooliganism as a World Phenomenon* (Dublin: University College Dublin Press, 2002); Eric Dunning e Malcolm Dominic, *Sport: Critical Concepts in Sociology* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 2003); Eric Dunning, Jay Coakley, *Handbook of Sports Studies* (Londres: Sage, 2010).

Players: A sociological study of the development of Rugby Football, escrito em colaboração com Kenneth Sheard, e *The Roots of Football Hooliganism* ⁽¹¹⁾. No contexto britânico, o interesse de estes autores prosseguirem um quadro de investigação fundado na teoria de Elias e preocupado com o tempo histórico longo irá ao encontro de um conjunto de preocupações sociais e políticas contemporâneas sobre a violência no desporto, nomeadamente, no futebol. Neste sentido, o estudo sobre violência relacionou-se, de perto, com a identificação de um problema social por parte do Estado: como explicar e eliminar a violência de um conjunto de indivíduos, manifestada em recintos desportivos ou na sua vizinhança, em dia de jogo, imediatamente antes ou depois dos noventa minutos, ela era um dos modos mais visíveis da violência pública em Inglaterra? A intenção de eliminar estas formas de violência foi transversal às políticas de vários Estados europeus e das organizações que regulavam o futebol. Em Portugal, a tradução da primeira obra do grupo de Leicester foi o livro de Dunning, Murphy, Williams e Maguire, *O Vandalismo Desportivo na Grã-Bretanha antes da Grande Guerra*, publicado em 1987 pela Direção Geral dos Desportos ⁽¹²⁾. A resolução do problema de

⁽¹¹⁾ Kenneth Sheard e Eric Dunning, *Barbarians, Gentlemen and Players: A Sociological Study of the Development of Rugby Football* (Nova Iorque: New York University Press, 1979); Eric Dunning et al., *The Roots of Football Hooliganism*, op. cit.

⁽¹²⁾ Eric Dunning, Patrick Murphy, John Williams e Joseph Maguire, *O Vandalismo Desportivo na Grã-Bretanha antes da Grande Guerra* (Lisboa: Direção Geral dos Desportos, 1987). Este texto é a tradução de uma separata da *International Review for the Sociology of Sport*. A mesma instituição do Ministério da Educação publicou, dois anos depois, com versões em português, inglês e francês, o trabalho da socióloga Salomé Marivoet *Evolução da Violência Associada ao Desporto (1978-1987)* (Lisboa: Direção Geral dos Desportos, 1989), sobre o caso português, baseado em dados das forças policiais. Sobre a realidade portuguesa dos grupos de adeptos organizados ver Daniel Seabra, *Claques de Futebol: O Teatro das Nossas Realidades* (Porto: Afrontamento, 2018). Em 1994, a editora Celta – que procurou, várias vezes, continuar o trabalho já desenvolvido pela coleção «Memória e Sociedade», da Difel – publicou a obra de Eric

ordem pública suscitado pela violência no futebol era também uma condição fundamental para o desenvolvimento de uma indústria global, que cresceria extraordinariamente a partir da década de noventa. Assim, a enorme mercantilização do desporto correspondeu a entrada, em força, das indústrias de comunicação e de entretenimento ⁽¹³⁾.

De acordo com a argumentação dos sociólogos de Leicester, a origem do problema da violência no futebol, no contexto inglês, explicava-se pelos défices educacionais e «civilizacionais» dos adeptos provenientes de estratos das classes populares, nomeadamente dos que pertenciam a uma *classe trabalhadora dura* (*rough working class*). Este diagnóstico sugeria um conjunto de intervenções públicas, capazes de favorecer a integração desses indivíduos numa sociedade que se desejava respeitável e meritocrática. Num contexto político em que os governos Thatcher desencadearam um processo de liberalização económica, a necessidade de integração desses grupos violentos favorecia, segundo alguns críticos, a patologização das classes populares ⁽¹⁴⁾. Esta tendência normativa não era devidamente contrariada pela problematização das origens históricas destes comportamentos e, sobretudo, pela análise das suas causas contemporâneas.

Além de tais críticas, os capítulos de *A Busca da Excitação* diretamente relacionados com o estudo da violência no desporto contemporâneo suscitam outras reflexões. Talvez a mais importante seja a da centralidade dos processos de construção da masculinidade na produção de formas de violência pública e privada. Dunning chegou a sustentar que, na

Dunning, Patrick Murphy e John Williams, *O Futebol no Banco dos Réus: A Violência dos Espectadores num Desporto em Mudança* (Oeiras: Celta, 1994).

⁽¹³⁾ John Hargreaves, *Sport, Power and Culture* (Cambridge: Polity Press, 1986); Anthony King, *The End of the Terraces. The Transformation of English Football in the 1990s* (Londres e Nova Iorque: Leicester University Press, 1998); Richard Giulianotti, *Football. A Sociology of the Modern Game* (Cambridge: Polity Press, 1999).

⁽¹⁴⁾ Gary Armstrong, *Football Hooligans: Knowing the Score* (Oxford e Nova Iorque: Berg, 1998).

origem dos seus primeiros estudos, se encontrava a análise das sociedades patriarcais e a normalização de papéis masculinos dominantes, onde o recurso à violência era um repertório de ação quotidiano ⁽¹⁵⁾. Acrescentou, porém, que a repressão desses comportamentos violentos, por intermédio de formas de autocontrolo, apresentou descontinuidades consoante a estrutura de classes inglesa ⁽¹⁶⁾. Neste âmbito, a socialização das classes populares reproduzia mais favoravelmente formas de comportamento violento, o que explicava a origem social dos *hooligans*. O estudo da formação de uma cultura de classe em Inglaterra tem uma história longa e uma historiografia infundável. Mais do que propriamente o resultado de um «défice civilizacional» a ser corrigido, a reprodução de hábitos, princípios e visões do mundo, à qual a violência quotidiana não era estranha, foi explicada por outros autores no contexto da sua relação com estruturas de desigualdade e controlo social, nas quais a violência estrutural e simbólica era dominante. Sob determinada perspetiva, a cultura de classe era igualmente um meio de resistência a processos macrosociais coercivos ⁽¹⁷⁾. Como argumentam alguns críticos da tese do «défice civilizacional», a relação estabelecida entre comportamentos violentos, no quadro da assistência a espetáculos desportivos, e a cultura dominante de estratos das classes populares é problemática. Desde logo, alguns estudos de caso encontraram nestes grupos de adeptos violentos uma pronunciada heterogeneidade social ⁽¹⁸⁾. Por outro lado, a transversalidade social de certas formas de violência – pensemos

⁽¹⁵⁾ Eric Dunning, «The Social Roots of Football Hooliganism. A reply to the critics of the 'Leicester School'», in Richard Giulianotti (org.), *Football, Violence and Social Identity* (Londres: Routledge, 1994), p. 144.

⁽¹⁶⁾ *Ibidem*.

⁽¹⁷⁾ Paul Willis, *Learning to Labour: how working class kids get working class jobs* (Farnborough: Saxon House, 1977).

⁽¹⁸⁾ Gary Armstrong, *Football hooligans: knowing the score* (Oxford, Nova Iorque: Berg, 1998). Para o caso português, o trabalho do antropólogo Daniel Seabra, baseado na análise de várias claques do Norte do país, confirma esta conclusão. Daniel Seabra, *Claques de Futebol*, op. cit.

no caso específico da violência doméstica – instiga a uma redobrada atenção à autonomia e persistência de uma associação da violência a uma cultura patriarcal enraizada, decerto mais ativa em determinadas configurações sociais do que noutras.

A vinculação do conhecimento produzido pela Escola de Leicester, nomeadamente pelo trabalho de Eric Dunning, ao problema da violência no desporto tem o efeito perverso de ocultar o programa de investigação presente em *A Busca da Excitação*. Ora uma das principais intenções desta apresentação é sabotar essa redução científica, procurando encontrar outras genealogias para enquadrar a obra que, agora, se reedita. Para isso, é fundamental interrogar a relação científica entre Eric Dunning e Norbert Elias, iniciada quando, em 1955, Dunning assistiu às aulas de introdução à sociologia lecionadas por Elias, recém-chegado à Universidade de Leicester ⁽¹⁹⁾. Elias conseguira, então, o seu primeiro contrato universitário, já com 57 anos de idade. Longe ia o tempo em que completara o seu doutoramento sobre Filosofia da História em 1924, na Universidade de Breslau, para onde fora depois de cumprido o serviço militar, durante a Primeira Guerra Mundial. De Breslau, Elias seguiu para Heidelberg, onde conheceu Karl Mannheim, de quem foi assistente mais tarde, em 1929, na Universidade de Frankfurt, instituição onde funcionava, sob a liderança de Max Horkheimer, a conhecida Escola de Frankfurt. Aí terminou a sua habilitação, escrevendo uma versão inicial de *A Sociedade de Corte*, publicada 36 anos depois. Com a ascensão dos nazis, fugiu para Paris, onde iniciou a redação de *O Processo Civilizacional*. Pouco depois, instalou-se em Londres.

⁽¹⁹⁾ Dunning foi coautor de dois livros acerca da teoria sociológica de Elias: Eric Dunning e Stephen J. Mennell, *Norbert Elias* (Londres: Thousand Oaks, Califórnia, 2003); Eric Dunning e Jason Hughes, *Norbert Elias and Modern Sociology: knowledge, interdependence, power, process* (Londres: Bloomsbury Academic, 2012).

Em *A Busca da Excitação*, a teorização do problema da violência responde essencialmente ao programa de investigação de Norbert Elias sobre as sociedades modernas e contemporâneas, que o sociólogo alemão desenvolveu desde os anos 30 do século passado. No novo texto agora incluído em *A Busca da Excitação*, Elias voltou a criticar, mesmo que de maneira transversal, as teorias e métodos dominantes nas ciências sociais. Por outras razões, a Escola de Leicester não adotou, pelo menos na íntegra, o programa de análise de Elias ⁽²⁰⁾. Segundo alguns críticos, os investigadores daquela universidade revelaram-se incapazes de relacionar o comportamento dos adeptos com as alterações verificadas na sociedade inglesa, nomeadamente, na esfera estatal. Assim, a incorporação de determinados comportamentos «civilizados» não podia ser considerada linear e dependia, mais do que das políticas «civilizadoras» e punitivas, das características da configuração estatal dominante, no seio da qual a natureza das funções do Estado se afigurava determinante. A falta de atenção a dinâmicas fundamentais das configurações sociais contemporâneas produzia uma forma de evolucionismo ingênuo, inerente à teoria do processo civilizacional. Também no que respeita ao desenvolvimento do Estado enquanto instância de organização do quotidiano, e não apenas no contexto de processos *descivilizadores* que envolveram uma violência extraordinária, como o Holocausto, de que Elias se ocupou em *A Condição Humana*, se comprova a reversibilidade do processo civilizacional ⁽²¹⁾. O suposto evolucionismo de Elias só assim pode ser compreendido e algumas das suas interpretações podem e devem ser postas em causa. A partir daqui, impõe-se traçar a genealogia desta obra, remetendo não só para a análise dos processos civilizacionais, mas também para as

⁽²⁰⁾ Shaun Best, "The Leicester School of Football Hooliganism: an evaluation", *Soccer & Society*, vol. 11, n.º 5 (2010), pp. 573-587.

⁽²¹⁾ Eric Dunning, "The social roots of football hooliganism", in *Football, Violence and Social Identity*, op. cit., p. 142.

virtudes de uma análise sócio-histórica processual, na qual o conceito de configuração parece ser determinante. Debruçemo-nos, pois, sobre a obra de Norbert Elias ⁽²²⁾.

⁽²²⁾ A promoção da obra de Norbert Elias está hoje centralizada na Fundação com o seu nome, responsável pela edição das suas obras completas e por um conjunto de estudos sobre o autor. A Fundação Norbert Elias publica ainda uma revista, *Human Figurations*, dedicada ao autor e às obras que, pelo mundo fora, se inspiram nas suas teorias. Sobre o autor e a sua obra, os melhores estudos, incluindo as discussões críticas, são os dois volumes de Peter Gleichmann, John Goudsblom e Hermann Korte, org., *Human Figurations: Essays for Norbert Elias* (Amsterdão: Amsterdam Sociologisch Tijdschrift, 1977) e *Materialen zu Norbert Elias' Zivilisationstheorie* (Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1979); Wolf Lepenies, "Norbert Elias: An Outsider Full of Unprejudiced Insight", *New German Critique*, n.º 15 (outono 1978), pp. 57-64; Edoardo Grendi, "Norbert Elias: storiografia e teoria sociale", *Quaderni Storici*, vol. 17, n.º 50 (2) – *I Vivi e Morti* (agosto 1982), pp. 728-739; *Idem*, org., *Macht und Zivilisation. Materialien zu Norbert Elias' Zivilisationstheorie 2* (Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1984); Dennis Smith, "Norbert Elias – established or outsider?", *Sociological Review* (1984), pp. 367-389; *Idem*, *The Rise of Historical Sociology* (Cambridge: Polity, 1991), pp. 42-54, 157-174; *Theory, Culture and Society*, vol. 4, n.º 2-3 – *Norbert Elias and Figurational Sociology* (1987); Hermann Korte, *Über Norbert Elias* (Suhrkamp Verlag, 1988); Christopher Lasch, "Historical Sociology and the Myth of Maturity: Norbert Elias' very simple formula", *Theory and Society*, vol. 14 (1985), pp. 705-720; Stephen Mennell, *Norbert Elias: civilization and the human self-image* (Oxford: Basil Blackwell, 1989); R. van Krieken, "Violence, Self-Discipline and Modernity: Beyond the Civilizing Process", *The Sociological Review*, vol. 37 (1989), pp. 193-218; Roger Chartier, *A história cultural: entre práticas e representações*, trad. Manuela Galhardo (Lisboa: Difel, 1988), pp. 91-119; *Idem*, "Conscience de soi et lien social", in Norbert Elias, *La société des individus*, trad. Jeanne Étoré (Paris: Fayard, 1991); Stephen Mennell e Johan Goudsblom, "Introduction", in Norbert Elias, *On Civilization, Power and Knowledge* (Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1998), pp. 1-45; Simonetta Tabboni, *Norbert Elias: un ritratto intellettuale* (Bologna: Il Mulino, 1993); Robert Van Krieken, *Norbert Elias* (Londres: Routledge, "Key Sociologists Series", 1998); Jonathan Fletcher, *Violence and Civilization: An Introduction to the Work of Norbert Elias* (Cambridge: Polity Press, 1997); Steven Loyal e Stephen Quilley, org., *The Sociology of Norbert Elias* (Cambridge: Cambridge University Press, 2004); Stephen Mennell, *Norbert Elias: An Introduction* (Dublin: UCD Press, 1999); Sabine Delzescaux, *Norbert Elias: civilisation et décivil-*

Por uma sociologia histórica das configurações

Multifacetada, a obra de Elias apresenta uma série de constantes, inerente ao seu programa de investigação, que arriscamos tratar de seguida, ainda que de modo sumário. Esses problemas de análise transversais, fundamentais para a constituição de uma análise histórica inovadora, estão também presentes em *A Busca da Excitação*. Sem a intenção de proceder a um levantamento exaustivo, será possível detetar três grandes conjuntos de temas que percorrem os diversos trabalhos do autor e adquirem várias modalidades, consoante os objetos em análise e os tipos de investigação.

Em primeiro lugar, a atenção é dada ao conjunto das pulsões e dos comportamentos violentos, a par dos dispositivos de controlo que sobre eles incidem: discursos ou práticas normativas, poderes mais ou menos institucionalizados e mecanismos de autocensura ou de autocontrolo.

sation (Paris: Harmattan, 2002); John Mandalios, "Civilizational Complexes and Processes: Elias, Nelson and Eisenstadt", *Handbook of Historical Sociology* (Londres: Sage, 2003), pp. 65-80; Richard Kilminster, *Norbert Elias: Post-Philosophical Sociology* (Nova Iorque: Routledge, 2007); Florence Delmotte, *Norbert Elias, la civilisation et l'État: enjeux épistémologiques et politiques d'une sociologie historique* (Bruxelas: Université de Bruxelles, 2007); Andrew Linklater e Stephen Mennell, "Norbert Elias, The Civilizing Process: Sociogenetic and Psychogenetic Investigations – An overview and assessment", *History and Theory*, vol. 49, n.º 3 (outubro 2010), pp. 384-411; Eric Dunning e Jason Hughes, *Norbert Elias and modern sociology knowledge, interdependence, power, process* (Londres: Bloomsbury Academic, 2012); Angela Perulli, *Norbert Elias : processi e parole della sociologia* (Roma: Carocci, 2012); Eric Dunning e Jason Hughes, *Norbert Elias and modern sociology: knowledge, interdependence, power, process* (Londres: Bloomsbury Academic, 2013); Stefanie Ernst e Hermann Korte, org., *Gesellschaftsprozesse und individuelle Praxis: Vorlesungsreihe zur Erinnerung zur Norbert Elias* (Wiesbaden: Springer, 2017); François Dépelteau, org., *The Palgrave Handbook of Relational Sociology* (Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2017). Os textos autobiográficos de Elias foram publicados sob o título de *Norbert Elias Über Sich Selbst* (Frankfurt: Suhrkamp, 1990) [trad. francesa de Jean-Claude Capèle, *Norbert Elias par lui-même* (Paris: Fayard, 1991)].

Se esta preocupação pelas atitudes pulsionais pode ser relacionada com a obra de Freud, com as suas ideias de repressão e recalçamento a imporem-se sobre os comportamentos e a reorientá-los, não se poderá omitir o facto de Elias ter começado por seguir estudos em medicina, psicologia e filosofia na Universidade de Breslau (cidade onde nasceu em 1897), e, uma vez em Inglaterra, ter exercido a psicoterapia de grupo. É esta preocupação pelas pulsões que lhe permite pensar, em referência a um mesmo campo, fenómenos tão diferentes quanto o exercício do poder, a guerra, o desporto e as emoções. Fazendo variar as escalas de análise e afinando os pontos de vista comparativos, Elias apresenta na obra que agora publicamos a noção de ciclo de violência, enquanto momento de um determinado processo. O regresso das pulsões à investigação histórica e social permite relativizar versões dos processos de socialização focadas na hiper-racionalização do comportamento. Simultaneamente, o que a abordagem de Elias sugere é que o processo histórico transforma a estrutura biológica do indivíduo.

Em segundo lugar, Elias procurou definir *configurações* sociais específicas. Inicialmente determinadas a partir da análise da corte, nomeadamente da corte de Luís XIV, e do Estado em construção nos alvares da época moderna, tais configurações definem-se – em trabalhos posteriores – com base no estudo concreto das comunidades de uma cidade operária inglesa, das equipas desportivas, dos grupos de «hooligans», bem como das grandes potências em confronto durante a Guerra Fria (como vemos em *A Condição Humana*). Do ponto de vista da análise sociológica, a noção de configuração (figuração) permite simultaneamente identificar os diversos modos de inter-relação e ultrapassar as separações teóricas entre o indivíduo e a sociedade. Neste sentido, a configuração, enquanto unidade de análise do social, funda-se numa lógica relacional, o que permite a Elias resolver o dualismo entre integração e conflito. O conceito de configuração permite, ainda, ao autor desafiar

uma história substancialista, dependente de explorações de unidades de análise estritamente ligadas à histórica política e económica, de que a «nação» será talvez o melhor exemplo. A disseminação de formas de desporto moderno, como Elias refere em *A Busca da Excitação*, nas quais predominam determinadas características, é um bom exemplo de como processos sociais localizados se ajustam a configurações, nomeadamente a expansão do Estado moderno e do seu monopólio sobre o exercício da violência e o crescimento de interdependências sociais decorrentes da complexificação da divisão social do trabalho.

Um terceiro tema que atravessa, constantemente, a obra de Norbert Elias diz respeito à noção de *processo*, que, em boa medida, se filia no valor do progresso, no duplo sentido de evolução da humanidade e de avanço no conhecimento da natureza e da sociedade. Para o autor, não se trata de postular um valor e de o projetar em análises, particularmente interessadas no estabelecimento de comparações entre diferentes configurações sociais. O que Elias intenta levar a cabo esconde uma dupla preocupação. Em primeiro lugar, trata-se de recuperar para a sociologia a sua orientação inicial, particularmente visível na obra de Augusto Comte, e fazer conciliar a análise das estruturas sociais com as marcas da evolução temporal, isto é, o seu processo. É, neste sentido, que a divisão entre a sociologia e a história desaparece.

Em *A Busca da Excitação*, Norbert Elias e Eric Dunning desenvolveram, a partir do caso concreto do desporto – em particular do futebol e do rãguebi, incluindo os grupos de *hooligans* –, uma sociologia histórica atenta às configurações e ao processo da civilização⁽²³⁾. Centrados sobretudo na sociedade inglesa, os autores recorreram, sistematicamente,

⁽²³⁾ Eric Dunning, Patrick Murphy e John Williams, *Hooligans Abroad. The behaviour and control of English fans at continental football matches* (Londres: Routledge, 1984); *The Roots of Football Hooliganism: an historical and sociological study* (Londres: Routledge, 1988).

ao ponto de vista comparativo, tendo em vista identificar a especificidade dos processos e as diferenças na caracterização de cada configuração social. O controlo da violência, no modelo da sociedade inglesa do século XVIII, conduziu Norbert Elias a estabelecer uma analogia entre, por um lado, a emergência e a difusão do futebol, e, por outro lado, um sistema político em que se enraizaram hábitos parlamentares. As regras estabelecidas, na inter-relação dos grupos em conflito, o face a face de tais grupos, que os agentes incorporam e a que se habitua, passaram a constituir um padrão de civilização horizontal. Este modelo contrapõe-se ao da sociedade francesa do século XVII, onde a corte impunha, do alto, regras e comportamentos, definindo um processo de civilização vertical.

Nesse sentido, a análise das práticas desportivas integrou-se no vasto campo de análise da sociedade global, fugindo às compartimentações dos especialistas do desporto e convidando-os a refletir com maior profundidade sobre um dos fenómenos essenciais da nossa civilização. As formas de jogar, os movimentos dos jogadores durante os contextos da prática desportiva, revelaram processos de incorporação social mais amplos, nomeadamente os que decorreram das grandes transformações modernas, a complexificação da divisão social do trabalho, a construção do Estado, a participação política e a integração dos indivíduos em sociedades urbanas. Se estas formas de jogar podem dar lugar a interpretações substancialistas, como as que vinculam os gestos dos jogadores a formas de identidade nacional – o «estilo de jogo inglês», o «estilo de jogo brasileiro» –, a teoria processual de Elias oferece uma interpretação mais dinâmica do surgimento destes estilos, demonstrando como se transformam, como se transmitem e são apropriados, como são, enfim, laboratórios da expansão da modernidade e da sua transformação local⁽²⁴⁾.

⁽²⁴⁾ José Sergio Leite Lopes e Sylvain Maresca, “La disparition de ‘la joie du peuple’”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 79, n.º 1

Problemas e críticas

O repertório de problemas e de críticas suscitado pela obra de Norbert Elias, apesar de muito vasto e de estar longe de gerar consenso, corresponde a uma série de eixos principais. (i) O primeiro desses eixos diz respeito às noções de progresso e de evolucionismo que lhe são inerentes. Tal como Elias sustentou no prefácio à segunda edição de *A Sociedade de Corte*, texto que não se encontra traduzido em Portugal, impunha-se reiterar a confiança no progresso – num século atravessado por momentos descivilizadores, nomeadamente, pelo Holocausto. Tratava-se de um dever ético, que não encaixava numa separação entre ciência e valores. Na defesa desse ponto de vista, insistia-se, essencialmente ético, apontou para as formas crescentes de controlo sobre a natureza e sobre a sociedade, que sobretudo algumas regiões do Ocidente acumularam, ao mesmo tempo que reivindicou para a ciência a vontade de descobrir relações inscritas na própria realidade, para assim orientar de forma profícua a acumulação de conhecimentos. Isto é, sem a reconstituição da convicção nos ideais do progresso da ciência, continuar-se-á a manter em aberto perspectivas relativistas da ciência e, através delas, o conhecimento dependerá sempre de quem o impõe e está do lado do poder, o que não implica que a autoridade conferida pela ciência não seja escrutinada.

Se a própria obra de Elias suscita o questionamento desta leitura, o confronto com outras propostas de análise da evolução histórica das sociedades modernas remete para um conjunto de debates. Num primeiro plano, importa interrogar de que forma este sentido do progresso se relaciona com a crítica aos mecanismos disciplinares presentes nas sociedades modernas, ao seu carácter repressor, denunciado em

(1989), pp. 21-36; Richard Holt, "La tradition ouvriériste du football anglais", *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 103, junho, (1994), pp. 36-40.

obras como a de Michel Foucault, ou, antes disso, por Max Weber, quando este descreveu a modernidade como um processo de desencantamento do mundo e de burocratização crescente. Elias reconhecia estes processos ao afirmar que a própria modernidade, desde logo pela criação dos desportos, criava as suas formas de reencantamento. Restará perceber como, em contextos históricos precisos, este equilíbrio entre repressão e reencantamento evolui.

Mas importa, também, questionar como se relaciona esse progresso com a ideia de desigualdade. Ou, dito de outra forma, como é que uma conceção otimista do processo de civilização, que implicava uma progressiva proximidade social, se relacionou com o reforço de lógicas de estratificação e de distinção social? De que forma a desigualdade constituiu uma ameaça ao sentido teleológico do processo civilizacional, sabotando algumas das suas premissas, num contexto em que os debates sobre as dinâmicas políticas das configurações atuais parecem, cada vez mais, presos a retóricas culturalistas e identitárias que, por definição, são fragmentárias. Atendendo à importância concedida por Elias à formação do Estado moderno, para explicar a dinâmica do processo civilizacional, talvez esta discussão possa iniciar-se precisamente pelas transformações ocorridas nas funções do Estado no quadro das configurações sociais contemporâneas.

Em suma, o evidente evolucionismo associado aos quadros do progresso, presentes na obra de Elias, não pode ser tomado como um dado adquirido. O próprio autor parece ter minado, convocando diferentes problemas, as interpretações teleológicas e finalistas do presumido evolucionismo do processo civilizador. O século xx, aliás, está repleto de situações que parecem apontar no sentido oposto. O retorno à barbárie da violência – perpetrada pelas claque, suscitada ou aproveitada pelos Estados autoritários ou fascistas, ou por lógicas estatais mais contemporâneas em que a vigilância assume uma importância fundamental – impede que se pensem de forma simplista todos os

processos de evolução social. Resta saber em que é que essa mesma visão do processo de civilização, que afunda as suas raízes nos ideais iluministas do progresso, se distingue das teorias da modernização que ocuparam inúmeras agendas da investigação em ciências sociais no período posterior à Segunda Guerra Mundial. É que não é só a violência do Estado (e o seu controlo) que se constitui em índice de um processo de civilização, são também os diferentes modos de surpreender essa mesma violência, encrustada no tecido social, que contam (é o que acontece, por exemplo, no seio das claques ou no comportamento de estratos das classes trabalhadoras estudadas por Elias). As hesitações que derivam de um processo de civilização contrariado por recuos, movimentos ou ações descivilizadoras, não só quebram a crença nos valores do progresso; mas também impedem que se atribua a este o valor de chave, investida de valor de uma categoria universal para onde tendem todas as mudanças sociais.

(ii) Os modos de controlo da violência, como chave de leitura, no interior de uma lógica relacional de compreensão das configurações sociais, caracterizam-se, na obra de Norbert Elias, por uma série de ausências. De um ponto de vista da história europeia do denominado período moderno, a ênfase posta na construção do Estado e da corte absolutista deixa a descoberto outras áreas onde o controlo da violência parece ter tido uma intensidade idêntica ou ainda maior. Referimo-nos, por exemplo: ao que sucedeu nas lutas religiosas, a começar pelas Guerras de Religião do século xvi, opondo diferentes registos confessionais; à emergência de uma nova classe mercantil, cujo *ethos* burguês e padrões de racionalidade se opunham às ações guerreiras (com exceção do que diz nas páginas finais de *Introdução à Sociologia*), bem como ao desenvolvimento de uma esfera pública de opinião com uma primeira inscrição na sociedade de salões, estudada por Jürgen Habermas ⁽²⁵⁾.

⁽²⁵⁾ Craig Calhoun, org., *Habermas and the Public Sphere* (Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1992), pp. 181-355; Isaac Ariail e Julia Adams,

Igualmente discutível, em relação a sociedades tão hierarquizadas como foram as de Antigo Regime, é tomar como adquirido que modelos de civilização impostos de cima, a partir da dita sociedade de corte, se difundiram aos estratos mais baixos. Aliás, se se tomar como padrão de comparação da sociedade de corte de Luís XIV as cortes do Renascimento italiano, verificar-se-á que as cortes comunicavam entre si, mas dificilmente poderiam difundir os seus modelos de comportamento para baixo, ao conjunto da sociedade ⁽²⁶⁾. Porventura, só em sociedades industrializadas, tendencialmente democráticas e massificadas, logo, menos hierárquicas, foi possível que a circulação de modelos por todo o tecido social acontecesse (como o demonstra este livro). Para dar conta deste último processo, Elias utilizou a noção de «democratização funcional», cuja semelhança com o papel atribuído por Durkheim à divisão social do trabalho em sociedades caracterizadas por uma solidariedade orgânica é evidente. Enfim, há um conjunto de áreas de pesquisa, com as suas tradições e bibliografias próprias, que Elias não desenvolveu. Porém, uma sociologia histórica das configurações não procede por ocupação de todas as áreas, tendo em vista cobrir, de modo exaustivo, o estudo de uma época ou de um processo. Pelo contrário, cada configuração forma uma espécie de laboratório, um campo no interior do qual se articulam pulsões individuais, interações sociais e, ainda, um conjunto de normas institucionais e de instrumentos de poder.

“Culture in the transitions to modernity: seven pillars of a new research agenda”, *Theory and Society*, vol. 40, n.º 3 (2011), pp. 247-272; Nathaniel Wolloch, “The Civilizing Process, Nature, and Stadial Theory”, *Eighteenth-Century Studies*, vol. 44, n.º 2 (2011), pp. 245-259.

⁽²⁶⁾ Sergio Bertelli, “Il concetto di corte”, in *Ragione e «civiltas». Figure del vivere associato nella cultura del '500 europeo*, org. David Bigalli (Milão: Franco Angeli, 1986), pp. 141-150; *Idem*, *Il corpo del re. Sacralità del potere nell'Europa medievale e moderna* (Florença: Ponte alle Grazie, 1990).

A crítica de uma outra ausência, lançada sobre o pensamento de Elias, que mereceria mais investigação, prende-se com o papel da expansão colonial e das suas dinâmicas coercivas e violentas no «processo civilizador» e, num outro sentido, na retórica civilizadora que acompanhou a primeira ⁽²⁷⁾. Assim, a dimensão colonial encontra-se quase ausente da obra eliasiana. Isto sucede apesar da sua estada em África e da importância que uma análise sobre os projetos coloniais teria numa reflexão sobre as lógicas de «descivilização», neste caso produzidas por uma retórica civilizadora. Os territórios coloniais foram espaços de projeção do argumentário e do(s) processo(s) «civilizadores» e, certamente, foram laboratórios de inusitada violência e barbaridade perpetrada pelos «civilizados». Que «civilização» ou «processo civilizador» resultaram da integração das dinâmicas imperiais e coloniais no quadro analítico, da escravatura à inovação concentracionária nas sociedades colonizadas? Quantas vezes, de modo recorrente e sistemático, a busca da excitação «civilizada» e «civilizadora» marcou o processo colonizador, legitimando «políticas indígenas» ou justificando as decisões de autoridades e colonos, de mercenários a mercadores, de missionários a exploradores de vária estirpe? Ou seja, será possível desvalorizar ou simplesmente esquecer a centralidade do colonialismo europeu no estudo do «processo civilizador», compreender um sem o outro? Poder-se-á mesmo falar de violência e da sua domesticação, sem considerar as suas manifestações em sociedades dependentes ou controladas, mesmo com limitações, por Estados europeus? Em que medida a aparente oposição «civilização» e «barbárie» obscurece a ligação umbilical entre colonialismo e violência (supostamente) «civilizada» e «civilizadora»?

⁽²⁷⁾ François Dépelteau, Enio Passiani e Ricardo Mariano, "Ariel or Caliban? The Civilizing Process and Its Critiques", in François Dépelteau e Tatiana Savoia Landini, org., *Norbert Elias and Social Theory* (Londres e Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2013), pp. 41-62.

É que a violência colonial, mais do que expoente de um qualquer «processo civilizador», parece servir de indicador de situações de «descivilização». E se, como sugeriu Hannah Arendt, é preciso ir buscar as origens dos totalitarismos do século xx nos imperialismos europeus, sobretudo na experiência colonial britânica, então, a barbárie do Holocausto encontrou os seus modelos em recorrentes situações coloniais. De igual modo, a formação histórica e a preservação dos supostos espaços sociais pacificados – sempre relativos e provisórios dada a multiplicidade de contextos e repertórios de coerção e revolta que marcaram as sociedades europeias e ocidentais – dependeram de dinâmicas de notória violência, simbólica e material. A dupla face da modernidade é difícil de contrariar. Mas a obra de Elias parece não ter dado suficientemente conta deste facto, nem ofereceu uma resposta consistente a tais questões que estão interligadas ⁽²⁸⁾.

Independentemente dos interesses de Elias, a sua teoria pode contribuir para a compreensão do processo colonial ⁽²⁹⁾. Numa perspetiva devedora da história imperial britânica, J. A. Mangan realçou o papel do desporto em formas de administração indireta, nomeadamente na Índia ⁽³⁰⁾. Dimensão fundamental da pedagogia das classes dirigentes britânicas, nomeadamente, dos seus quadros coloniais, o

⁽²⁸⁾ Dois clássicos da sociologia histórica que procuraram responder às questões enunciadas, mas que, também eles, são suscetíveis de crítica, dada a escassa importância atribuída à questão imperial e colonial, são Anthony Giddens, *The Nation-State and Violence* (Berkeley: University of California Press, 1987) e Charles Tilly, *Coercion, Capital, and European States* (Malden, Mass.: Blackwell, 1992). Para a questão da violência na obra eliasiana, veja-se François Dépelteau, "Elias's Civilizing Process and Janus-Faced Modernity", in Tatiana Savoia Landini e François Dépelteau, org., *Norbert Elias and Violence, op. cit.*, pp. 81-115.

⁽²⁹⁾ Romain Bertrand, "Norbert Elias et la question des violences impériales: jalons pour une histoire de la 'mauvaise conscience' coloniale", *Vingtième Siècle*, vol. 106, n.º 2 (2010), pp. 127-140.

⁽³⁰⁾ J. A. Mangan, *The Cultural Bond: Sport, Empire, Society* (Londres: Frank Cass, 1992).

desporto foi utilizado pelo império não apenas como meio de sociabilidade eletiva entre colonizadores, mas também como prática de incorporação de elites locais. A lógica da construção da diferença colonial – que autores como David Cannadine relacionam com o processo de construção das diferenças em Inglaterra – implicava a cooptação de intermediários, fundamentais para a disseminação posterior de rituais e práticas ⁽³¹⁾. Este processo de adoção de rituais de distinção por parte de elites locais foi observado na generalidade do mundo colonial. Contudo, será redutor estudar a expansão do desporto moderno em contexto colonial apenas a partir dos efeitos desta engenharia social engendrada pelo colonizador. Tal perspectiva marginaliza as lógicas de apropriação do desporto moderno e da sua transformação local, indicadoras da expansão do que Elias designou por processo civilizacional. Por um lado, a teoria eliasiana ajuda a rejeitar a ideia de que a modernidade pertence ao Ocidente e não àqueles que, estejam onde estiverem, dela se apropriam. Por outro, realça as dinâmicas de transformação que estas apropriações implicam ⁽³²⁾. Jogos como o futebol rapidamente saíram de um núcleo social dominante, sendo apropriados e adaptados pelas populações locais, como aliás muitos outros hábitos e técnicas ditos ocidentais.

Ora, a teoria de Elias ajuda a perceber como, nos contextos coloniais, as populações se debateram com as questões da modernidade. Talvez um dos aspetos mais relevantes desta apropriação tenha sido o da adoção generalizada das regras do futebol moderno. Embora sujeitas a inúmeras subversões e recriações contextuais, estas regras permitiam que qualquer jogador de um subúrbio de uma cidade colonial

⁽³¹⁾ David Cannadine, *Ornamentalism, How the British saw their empire* (Oxford: Oxford University Press, 2001).

⁽³²⁾ Arjun Appadurai, "Playing with Modernity: The Decolonization of Indian Cricket", in Arjun Appadurai, *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization* (Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1996), pp. 89-113.

praticasse o mesmo jogo que outro indivíduo, sabendo as regras, poderia praticar. Dificilmente se poderia encontrar exemplo melhor de como o aumento das interdependências sociais, gerado pela disseminação de determinadas formas de enquadramento social, implicava a partilha de códigos, neste caso de formas de expressão corporal regidas por regras universais. Em África, como na Europa, o jogo moderno substituiu, por pressão da criação de interdependências, antigas práticas atléticas. Se neste último sentido processo de civilização moderno e processo colonial civilizador surgem como realidades interligadas mas relativamente independentes, a teoria de Elias teria beneficiado se o autor, à medida da denúncia que realizou de outras dinâmicas descivilizadoras, se tivesse debruçado sobre o colonialismo como mecanismo político de descivilização.

(iii) Outras críticas suscitadas pela obra de Elias e o seu projeto de uma sociologia das configurações, com base analítica, dizem respeito ao modo como o seu trabalho pode – e nem sempre deve – ser lido. Referimo-nos, muito concretamente, às tentativas destinadas a aproximar a agenda de Elias de projetos gizados por outros cientistas sociais, também eles com a ambição de construir uma teoria da prática, capaz de articular diferentes áreas disciplinares e de alcançar visões de conjunto sobre a sociedade, nas suas diferentes texturas temporais. Tais aproximações têm sido tentadas, por exemplo, tomando as obras de Simmel, Foucault, Bourdieu e Chartier como padrões de comparação ⁽³³⁾. Porém, o

⁽³³⁾ Carlo Mongardini, "L'idée de société chez Georg Simmel et Norbert Elias", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, nova série, vol. 99 – Norbert Elias: Une lecture plurielle (1995), pp. 265-278; Dennis Smith, "'The Civilizing Process' and 'The History of Sexuality': Comparing Norbert Elias and Michel Foucault", *Theory and Society*, vol. 28, n.º 1 (fev., 1999), pp. 79-100; Foucault Studies, n.º 8 – Special Section on Michel Foucault and Norbert Elias, org. Sam Binkley, Stefanie Ernst (fev. 2010), pp. 5-77; Jean-Hughes Déchaux, "N. Elias et P. Bourdieu: analyse conceptuelle comparée", *Archives européennes de sociologie*, vol. 34, n.º 2 (1993), pp. 364-385; Paulle Bowen, Bart van Heerikhuizen, Mustafa Emirbayer,

elenco poderia ser extensivo a muitos outros autores que o influenciaram. A este respeito, está, sem dúvida, por compreender melhor o contributo recorrente de Freud e da psicanálise na obra de Elias ⁽³⁴⁾, embora já houvesse quem defendesse que em *O Processo Civilizacional* não existe capacidade para perceber o sentido agudo, expresso por Freud, da fragilidade da civilização moderna. Por isso, Elias, ao não compreender que a constante repressão dos afetos e das pulsões pode, um dia, conduzir ao que Freud denominou o «retorno dos reprimidos», não compreendeu que do processo de civilização também resultou Auschwitz ⁽³⁵⁾. A aproximação entre Elias e Theodor W. Adorno também já foi sugerida: a mesma preocupação em fundir a sociologia com a psicologia, os mesmos interesses em pensar a sociedade como uma rede de conexões em movimento, a mesma insistência nas transformações culturais da Europa ⁽³⁶⁾.

Porém, o risco que se corre em tais exercícios de comparação, onde se descobrem semelhanças no modo de proceder, apesar das diferenças de conceptualização, é o de reduzir Elias a um autor – mais um – de uma qualquer genealogia ou corrente da história das ideias ou do pensamento social. E, ao efetuar uma tal redução, a principal questão que se coloca é que se abandona a dimensão mais

“Elias and Bourdieu”, *Journal of Classical Sociology*, vol. 12, n.º 1 (fev. 2012), pp. 69-93; François Dépelteau, “Comparing Elias and Bourdieu as Relational Thinkers”, in *Norbert Elias & Social Theory*, org., F. Dépelteau e T. Savoia Landini (Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2013), pp. 275-295; Daniel Gordon, “The Canonization of Norbert Elias in France: A critical perspective”, *French Politics, Culture & Society*, vol. 20, n.º 1 (primavera 2002), pp. 68-94; Raymond A. Morrow, “Norbert Elias and Figurational Sociology: The Comeback of the Century”, *Contemporary Sociology*, vol. 38, n.º 3 (maio 2009), pp. 215-219.

⁽³⁴⁾ Norbert Elias, *Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse*, posfácio de Bernard Lahire (Paris: Gallimard, 2010).

⁽³⁵⁾ Lewis Coser, “The Bridling of Affect and the Refinement of Manners”, *Contemporary Sociology*, vol. 7, n.º 5 (set. 1978), pp. 563-566.

⁽³⁶⁾ Wolf Lepenies, “Norbert Elias: An Outsider Full of Unprejudiced Insight”, *New German Critique*, n.º 15 (outono 1978), pp. 63-64.

propriamente sociológica, de base tão empírica quanto conceptual, que caracteriza toda a obra eliasiana. Trata-se, aliás, de vários tipos de reducionismo que marcam a receção da obra de Norbert Elias e que, nas suas piores versões, parecem oscilar entre dois polos. Por um lado, o tratamento da sua obra poderá ser feito no interior de uma história das ideias, seguindo as suas influências e procurando encontrar as suas semelhanças com outros autores. Por outro lado, a redução da sua sociologia das configurações a modelos simplificados – fundados na sistematização da sua conceptualização, como por exemplo de um *habitus* que serve para pensar a interiorização de normas pelos indivíduos, em imagens feitas acerca do controlo das pulsões e de um processo de civilização, confundido com um evolucionismo linear – também corre o risco de falhar o alvo. Ou seja, em ambos os casos o risco que se corre é o de não compreender o sentido de conjunto da obra de Elias. Mais concretamente, sublinhe-se o modo como multiplicou as configurações e as sujeitou à hipótese de um processo de civilização, centrado nos modos de controlo da violência, mas sem cair em sentidos únicos e predeterminados da mudança.

Entre os maiores críticos de Norbert Elias, o sociólogo Lewis Coser foi um dos que expuseram as suas reticências de modo mais frontal. Por um lado, considerou que o projeto de uma sociologia das configurações, tal como surgiu sistematizado em *Introdução à Sociologia*, nada tinha de original. Neste sentido, Coser abriu as portas a toda uma série de leituras em que a obra de Elias é posta a par das de Comte, Cooley, Darwin, Spencer, Weber, Simmel e Karl Mannheim. As noções de lutas, de conflitos e de competição, o evolucionismo, a racionalização crescente, a sobreposição entre estruturas mentais, motivos da ação e relações sociais fizeram parte das ideias correntes no período entre as duas Guerras. Por isso, Elias não se podia «sentir impelido para estabelecer de forma tão enfática a originalidade das suas abordagens». Por outro lado, Coser acusou Elias de não se

ter sabido atualizar, ironizando ao escrever que *O Processo Civilizacional*, escrito na década de 30 do século xx, podia ser lido como uma obra dos anos 70; enquanto o pequeno livro *Introdução à Sociologia*, escrito nos anos 60, mais parecia uma obra dos anos 30 ⁽³⁷⁾.

Coser, com a sua sociologia dos conflitos, com a qual fez frente ao funcionalismo de Parsons, com a sua insistência nas lógicas da integração, tinha razões para se irritar. O mesmo poderia ser dito do antropólogo Max Gluckman, que também escrevera sobre as funções sociais do conflito, os rituais e as relações em rede, disputando os mesmos temas que Elias ⁽³⁸⁾. Curiosamente, foi Edoardo Grendi quem, ao revés de todas estas acusações e baralhando as leituras depreciativas da obra de Elias, considerou a questão da sua originalidade numa outra perspectiva. Para o historiador italiano, esta originalidade enunciada de forma tão radical teria de ser relacionada com a solidão e a incompreensão a que a obra de Elias foi votada durante tantos anos. Ao mesmo tempo, Grendi considerou que a original articulação entre a teoria e a prática, tentada por Elias, o aproximava de «uma certa proposta analítica antropológica» ⁽³⁹⁾. Ou seja, para um dos impulsionadores da *microstoria*, Elias estaria próximo da antropologia. A possibilidade de uma tal leitura, no meio de tantas interpretações conflituais, pode ainda ser confirmada se se tiver em conta que – ao contrário do que deu a entender Lewis Coser – a obra de Elias evoluiu e foi por ele aperfeiçoada. Por exemplo, tanto em *A Busca da Excitação* (edição original inglesa de 1986)

⁽³⁷⁾ Lewis A. Coser, recensão crítica a *What is Sociology?* e *Human Figurations: Essays for Norbert Elias*, *American Journal of Sociology*, vol. 86, n.º 1 (julho 1980), pp. 192-194.

⁽³⁸⁾ Lewis Coser, *The Functions of Social Conflict* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1956); Max Gluckman, *Rituals of Rebellion in South-East Africa* (Manchester: Manchester University Press, 1954); *Idem*, *Custom and Conflict in Africa* (Oxford: Basil Blackwell, 1955).

⁽³⁹⁾ E. Grendi, “Norbert Elias: storiografia e teoria sociale”, *Quaderni Storici*, vol. 17, n.º 50 (2) – *I Vivi e Morti* (agosto 1982), p. 737.

como em *Os Alemães. A Luta pelo Poder e a Evolução do Habitus nos Séculos XIX e XX* (edição original alemã de 1989), Elias quebrou, definitivamente, com as leituras lineares ou evolucionistas do processo de civilização. Passou, isso sim, a insistir nos momentos de descivilização e nos avanços e recuos da barbárie ⁽⁴⁰⁾.

Jack Goody contra Norbert Elias

A percepção da obra de Elias do lado da antropologia suscitou também uma controvérsia maior que está longe de se encontrar resolvida. As razões de ser do que mais parece ser um diálogo de surdos recuam ao momento em que Elias ensinou sociologia na Universidade do Gana (1962-1964). Para reconstituir o contexto que dá sentido ao conflito, será necessário ter em conta um diferente entendimento das disciplinas por parte de Elias. É que, se as possibilidades de fertilização cruzada entre a sociologia e a história foram por ele exploradas, a ponto de Elias se ter tornado numa das principais referências da sociologia histórica, as relações com a antropologia revelaram-se mais tensas. Na génese desta tensão, estiveram questões institucionais e relações pessoais, não apenas intelectuais. Elias partilhava da opinião – professada também por Ilya Neustadt, colega de Leicester e um dos principais dinamizadores do Departamento de Sociologia da Universidade de Leicester – de que «a formação antropológica aprofundada distorce e cria simplesmente um bloqueio e inabilidades bem enraizadas para a análise sociológica» ⁽⁴¹⁾. O seu escrito «Sociology and

⁽⁴⁰⁾ Jonathan Fletcher, “Towards a Theory of Decivilizing Processes”, *Amsterdams Sociologisch Tijdschrift*, vol. 22, n.º 2 (outubro 1995), pp. 286-296.

⁽⁴¹⁾ George Steinmetz, “A Child of the Empire: British Sociology and Colonialism, 1940s–1960s”, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, Vol. 49 (2013), pp. 353-378, *maxime* pp. 363-364 [remete para uma carta de Neustadt para Elias, datada de 30 de janeiro de 1964; sobre Neustadt e Elias, veja-se a análise da sua correspondência do período em que

Anthropology», datado de abril de 1963 e apresentado na reunião da Associação de Sociologia do Gana, parecia reforçar a visão de Elias: perante as notórias mudanças sociais na África de então, a especialização em antropologia era de «limitado valor» ⁽⁴²⁾.

As disputas disciplinares e as dinâmicas de poder institucional não parecem, contudo, ter sido alheias à manifestação destas ideias. No Gana em 1962-1964, Elias substituiu, enquanto diretor do Departamento de Sociologia, John Gibbs St. Clair Drake, sociólogo e antropólogo afro-americano, marcante ativista da causa anticolonial naquele país e colaborador do movimento pan-africanista, criador do programa de estudos africanos e afro-americanos na Universidade de Stanford. A sua passagem pela universidade daquele país africano, independente desde 1957, constituiu um momento sensível, nos equilíbrios instáveis, entre sociólogos e antropólogos ⁽⁴³⁾. A sua chegada ao departamento ficou marcada por um estudo sobre os Krobo e os seus repertórios de reações à conquista colonial e, ainda, pela coordenação de uma avaliação dos impactos sociais de projetos locais de remoção e realojamentos forçados da população nativa. No primeiro caso, Elias considerava que se estava perante o «primeiro estudo sociológico» das

Neustadt estava em Leicester e Elias no Gana (de outubro de 1962 a julho de 1964), em John Goodwin e Jason Hughes, "Ilya Neustadt, Norbert Elias, and the Leicester Department: personal correspondence and the history of sociology in Britain", *The British Journal of Sociology*, vol. 62, n.º 4 (2011), pp. 677-695; sobre ambos e, ainda, a afirmação do departamento da Universidade de Leicester, veja-se Chris Rojek, "An Anatomy of the Leicester School of Sociology: an interview with Eric Dunning", *Journal of Classical Sociology*, vol. 4, n.º 3 (2014), pp. 337-359].

⁽⁴²⁾ Steinmetz, "A Child of the Empire: British Sociology and Colonialism, 1940s-1960s", *art. cit.*, p. 363.

⁽⁴³⁾ George C. Bond e St. Clair Drake, "A Social Portrait of John Gibbs St. Clair Drake", *American Ethnologist*, vol. 15, n.º 4 (1988), pp. 762-781.

comunidades ganesas, bem distinto dos efetuados pela antropologia local ⁽⁴⁴⁾.

Por sua vez, Jack Goody saiu em defesa da sua disciplina. O facto de ter coincidido com Elias no Gana, onde foram colegas de departamento, permitiu-lhe fazer, pelo menos, dois ataques. Por um lado, considerou que a prova de que Elias não manifestou qualquer interesse pelo estudo das sociedades africanas consistiu no facto de, dali, só ter trazido uma coleção de arte, sobretudo de estatuetas. Ora, ao estetizar a cultura dos grupos sociais ganeses, locupletando-se com uma coleção de arte tal como fosse uma série de troféus, Elias teria apenas retido dessa cultura um ponto de vista superficial, desinserido do contexto mais profundo em que a mesma deveria ser estudada e compreendida ⁽⁴⁵⁾. Por outro lado, sempre segundo Goody, o eurocentrismo do processo de civilização teria sido o principal obstáculo de compreensão das sociedades africanas. Um dos principais testemunhos das tensões disciplinares, que opuseram Elias a Goody, proveio da pena de David Brokensha. Segundo este antropólogo sul-africano, que trabalhou com St. Clair Drake, Goody acusou, várias vezes, Elias de visar a marginalização da antropologia na universidade ⁽⁴⁶⁾. De facto, tais acusações encontram-se numa série de textos tardios de Goody, publicados entre 2002 e 2006 ⁽⁴⁷⁾.

⁽⁴⁴⁾ Ulrich van Loyen, *Strände der Vernunft. Norbert Elias im inneren Afrika* (Berlim: Matthes & Seitz, 2012).

⁽⁴⁵⁾ Norbert Elias, *African Art from the Collection of Professor Norbert Elias, April 24th-June 14th 1970, Leicester Museum and Art Gallery* (Leicester: Leicester Museums, 1970) [*Écrits sur l'art africain*, trad. do inglês Jean-Bernard Ouédraogo e Françoise Armengaud (Paris: Kimé, 2002)].

⁽⁴⁶⁾ Steinmetz, "A Child of the Empire: British Sociology and Colonialism, 1940s-1960s", *art. cit.*, p. 363.

⁽⁴⁷⁾ Jack Goody, "Elias and the anthropological tradition", *Anthropological Theory*, vol. 2, n.º 4 (2002), pp. 401-412; *Idem*, "The 'civilizing process' in Ghana", *European Journal of Sociology*, vol. 44, n.º 1 (2003), pp. 61-73; *Idem*, *The Theft of History* (Cambridge: Cambridge University Press, 2006).

De acordo com Goody, Elias «tentou ver-se livre da antropologia» na Universidade do Gana, considerando que a «África não devia ser deixada aos antropólogos». Estes ter-se-iam revelado «incapazes de compreender a sua particular estranheza (*strangeness*)». Elias «desejava substituir a Antropologia pela Sociologia». Numa autêntica operação de desqualificação, Goody acrescentou que Elias parecia «saber pouco sobre o continente e as suas gentes, e pouco tinha lido sobre o assunto». Mais: acusou Elias de achar que poderia «obter conhecimento sobre esses assuntos falando com estudantes e empregados e através da sua coleção de esculturas africanas, compradas a comerciantes hausa itinerantes que frequentavam a área residencial da Universidade ao pôr do sol». Por fim, como «a maioria dos sociólogos europeus», Elias reproduziu uma «visão weberiana» das sociedades africanas, «radicalmente diferentes» das «modernas». Estas palavras, amiúde repetidas por quem se julga proprietário intelectual do «local» que estuda, não deixam margem para dúvida quanto ao modo como as relações pessoais e as disputas institucionais afetaram diálogos intelectuais⁽⁴⁸⁾. Elas obscurecem, por exemplo, o lugar de Elias no grande debate sobre o lugar da noção de cultura nas ciências sociais durante o século xx.

Adam Kuper, por exemplo, coloca-o na tradição progressista, crítica das versões substancialistas e estáticas do conceito de cultura usadas por autores conservadores e pelas direitas nacionalistas⁽⁴⁹⁾. O seu interesse pela civilização, que queria estudar a partir de observatórios empíricos e não como matéria da história das ideias políticas, revela a importância dos processos e da mudança social contra interpretações da imutabilidade cultural. As mesmas querelas disciplinares marginalizam, ainda, outros diálogos disciplinares, como aquele que une a teoria de Elias à obra do antropólogo

⁽⁴⁸⁾ *Idem*, «Elias and the anthropological tradition», *art. cit.*, p. 402.

⁽⁴⁹⁾ Adam Kuper, *Culture. The Anthropologists' Account* (Cambridge: Harvard University Press, 1999), pp. 29-35.

Eric Wolf. Partilhando com Elias a experiência da diáspora judaica em fuga do nazismo, Wolf ouviu pela primeira vez o autor de *O Processo Civilizacional*, em 1940, num campo de detenção para homens provenientes da Áustria, da Alemanha e da Itália que o governo inglês criara em Huyton, nos arredores de Liverpool⁽⁵⁰⁾. Nestas circunstâncias extraordinárias, Wolf reteve da apresentação de Elias uma conceção de relações de poder que atravessaria a sua obra, um poder inscrito nas relações sociais, e não necessariamente concentrado num Leviathan⁽⁵¹⁾. Mas Wolf socorreu-se, também, de Elias para estudar as dinâmicas do processo histórico alemão que conduziu ao nazismo, nomeadamente, a relação das elites nacionalistas com o Estado moderno⁽⁵²⁾.

Onde começam e acabam as razões avançadas por Goody para colocar Elias perto de uma tradição de pensamento bem etnocêntrica, numa variante considerada mesmo «extravagante» e que teria Samuel Huntington como nome de referência maior, como fez em *The Theft of History* (cap. 6, «The theft of 'civilization': Elias and Absolutist Europe»)? Quais os fundamentos para fazer corresponder o uso da «civilização» de Elias ao uso da palavra «bárbaro», por «europeus» em situações coloniais, para descrever outras culturas ou, em contextos mais contemporâneos, para descrever «emigrantes de outras terras» ou «resistentes ativos que não jogam de acordo com a regras normais»⁽⁵³⁾? Sempre na linha de uma desvalorização sumária das ideias de Elias, incluindo do conceito de «configurações», Goody

⁽⁵⁰⁾ Eric R. Wolf, *Pathways of Power: Building an Anthropology of the Modern World* (Berkeley: University of California Press, 2001), p. 2.

⁽⁵¹⁾ Eric Wolf, *Envisioning Power. Ideologies of dominance and crisis* (Berkeley: University of California Press, 1999), pp. 4-5; *Idem*, org., *Religious Regimes and State Formation. Perspectives from European Ethnology* (Nova Iorque: State University of New York Press, 1991), pp. 1-6.

⁽⁵²⁾ Eric Wolf, *Envisioning Power. Ideologies of dominance and crisis*, *op. cit.*, pp. 197-274.

⁽⁵³⁾ Jack Goody, «The 'civilizing process' in Ghana», *art. cit.*; *Idem*, *The Theft of History* (edição de 2007), pp. 154-155.

perguntou: «o que é que ela faz que não é já feito por inúmeros conceitos sociológicos ou antropológicos? Muito pouco.» Há, ainda, que contar com a ferocidade inusitada de algumas críticas: que a obra de Elias revelaria uma «escassez de profundidade histórica para a análise cultural»; e que tomaria a comunidade ganesa como *naturvolk*, ainda intocada pelo «processo civilizador», fazendo Elias comportar-se como um mero afilhado do pensamento essencialista de oitocentos. Para Goody, o eurocentrismo de Elias revelava-se ainda no seu desinteresse pelos mais fracos da história, decorrente de um elogio conservador das faculdades civilizatórias das classes dirigentes inglesas. Em todas estas estratégias de crítica reconhece-se a impossibilidade de identificar as possibilidades fecundas de diálogo entre ambas as obras ⁽⁵⁴⁾. Pois, como já foi notado, ambas têm pontos em comum ⁽⁵⁵⁾.

Na tentativa de compreender melhor o debate entre Goody e Elias, será necessário perceber melhor alguns aspetos que têm merecido pouca atenção. O primeiro diz respeito, sobretudo, a Goody e às razões que o levaram a depor contra Elias, acusando-o de superficialidade (não só em relação a África, como também em termos conceptuais) e de eurocentrismo. Que esses depoimentos, fundados em memórias do que ocorrera cerca de quarenta anos antes no Gana, só tiveram lugar na primeira década do século XXI afigura-se uma evidência. Resta saber, porquê? Porque sentiu Goody a necessidade de ferir Elias, disputando o seu reconhecimento tardio e procurando rebaixá-lo, no que respeita aos seus quadros analíticos, lógica relacional e método comparativo? A resposta mais óbvia às perguntas acabadas de formular parece ser que Goody, ao procurar

⁽⁵⁴⁾ *Idem*, "The 'civilizing process' in Ghana", *art. cit.*, pp. 67, 62; *Idem*, *The Theft of History*, pp. 162, 158.

⁽⁵⁵⁾ Katie Liston e Stephen Mennell, "Ill Met in Ghana: Jack Goody and Norbert Elias on Process and Progress in Africa", *Theory, Culture & Society*, Vol. 26, n.ºs 7-8 (2009), pp. 1-19.

orientar os seus estudos para a compreensão de processos situados no tempo longo, recorrendo a tantas comparações a uma escala planetária, se viu obrigado a disputar a primazia nos mesmos domínios de Elias. Mais: o próprio Goody dificilmente se encaixa na figura do antropólogo que, através do trabalho de terreno, se dedicou ao estudo da pequena comunidade. Os seus estudos comparativos, situados a uma escala planetária e macrosocial, parecem mais alinhados com uma sociologia histórica, onde Elias adquiriu progressivamente o estatuto de precursor ou de clássico. Neste sentido, o debate entre Goody e Elias dificilmente pode ser visto como um confronto entre a antropologia e a história, uma vez que deve ser considerado mais como um conflito de interpretações entre diferentes perspetivas de uma sociologia histórica situada a uma escala macro.

Em segundo lugar, uma das chaves para compreender aquilo que pode surgir como uma luta de galos, com ambições em deixar a marca dos seus estudos num campo suficientemente alargado e interdisciplinar, deverá ser encontrada do lado de Elias. Enquanto não for publicada a obra deste último, deixada em manuscrito, relativa às investigações conduzidas no Gana (manuscrito cuja publicação, segundo comunicação pessoal de George Steinmetz, estaria para breve), as fontes de que dispomos são escassas, consistindo quase exclusivamente no já citado catálogo da exposição sobre a arte ganesa. Porém, maior atenção terá de ser dada ao relatório apresentado no Congresso Mundial de Sociologia de Washington, que teve lugar em setembro de 1962 (bem como às últimas páginas de *Introdução à Sociologia*). No relatório, Elias aparece claramente identificado como professor da Universidade do Gana, em Legon. Na sua base, podem ter estado ideias anteriores à sua partida para África, mas a sua submissão terá sido feita já depois da experiência ali acumulada ⁽⁵⁶⁾.

⁽⁵⁶⁾ Norbert Elias, "The break with traditionalism: report on the discussion", in *Transactions of the Fifth World Congress of Sociology*, Washington

Nesse texto tão breve quanto denso, Elias procurou tratar dos pontos fortes e fracos da sociologia em relação aos problemas do desenvolvimento. Os pontos fortes estavam presentes num conjunto de monografias que mostravam os progressos e a urgência de se aprofundar a compreensão tanto da quebra da ordem tradicional nas aldeias, como dos problemas colocados nas áreas industrializadas onde se assistia ao abandono das técnicas tradicionais. Para ele, a mudança nas estruturas das aldeias estava a ser seguida na Colômbia, Egito, Rússia, Birmânia, Paquistão, Turquia e Finlândia. Correspondendo ao impacto de programas de modernização ou de desenvolvimento, os resultados faziam-se sentir ao nível da modernização da religião, dos valores em geral e dos valores democráticos, mais em particular, na hierarquização das profissões e «nos métodos de modernização em sociedades altamente centralizadas». Ao sumariar as discussões tidas no âmbito de um congresso, o relatório de Elias alargava ainda os padrões de comparação ao Japão, à Rússia e aos Estados Unidos, a respeito das interpretações acerca da quebra do tradicionalismo na indústria.

Reivindicando a necessidade de mais estudos comparativos, dadas as semelhanças que caracterizavam todos estes processos de quebra da ordem tradicional nas aldeias (ou seja, os processos de destribalização), frente aos processos de desenvolvimento, Elias retomou as questões: da violência, das continuidades do tempo longo e da dificuldade em se mudar estruturas, incluindo as consequências inesperadas de medidas radicais, porventura revolucionárias, destinadas a impor determinadas formas de modernização. Nas suas palavras, «por que razão nalguns Estados, tais como a Colômbia, a violência se torna endémica, sem que

D.C., September 1962, vol. III (Louvain: International Sociological Association, 1964), pp. 51-3 [Norbert Elias, *Essays*, vol. III – *On Sociology and the Humanities*, org. Richard Kilminster e Stephen Mennell (Dublin: UCD Press, 2009, *Collected Works*, vol. 16, cap. 6)].

daí resulte uma mudança de fundo na estrutura tradicional da sociedade e na perspectiva dos governos? Porque é que, nalguns casos, leva tanto tempo até que as mudanças na estrutura e no governo produzam qualquer tipo de efeito na ordem tradicional ao nível da aldeia? Por que razão as tentativas para mudar de modo radical a ordem tradicional das aldeias, muitas vezes, conduzem a um declínio da produção agrícola?»

Por último, se os estudos de caso, que correspondiam a uma sociologia do desenvolvimento, punham em causa as perspectivas superficiais que decorriam do mero tratamento económico da transição das sociedades tradicionais, sob pressão das lógicas do desenvolvimento social, era também necessário denunciar as simplificações forçadas em que caíam muitas das contribuições da sociologia contemporânea. Sem nunca citar Talcott Parsons e os seus discípulos, construtores das teorias da modernização, Elias referia-se-lhes, com certeza, quando escreveu: «Muitos dos conceitos atuais da sociologia, incluindo os de estrutura e função, são completamente estáticos e, por isso, não ajudam, nem conseguem orientar os estudos sociológicos do desenvolvimento.» E, mesmo que houvesse quem requeresse uma maior colaboração entre administradores e teóricos ou estudiosos, o que era mais necessário era uma teoria sociológica adequada à compreensão do desenvolvimento social. Aliás, Elias, longe estava de pensar que pudesse existir – como teria ficado demonstrado num dos estudos sob escrutínio –, que a transição de uma ordem tradicional para uma sociedade moderna fosse redutível a uma única rutura; poderia, isso sim, ter a forma de maiores e menores ruturas e, muitas vezes, de uma gradual e não-violenta transição. A própria noção de tradicionalismo, enquanto título para um tipo de ordem social, comportando diferentes modelos de mudança, mostrava-se inadequada, podendo valer se se tivessem em causa, apenas, os aspetos económicos. E, para concluir, Norbert Elias deu voz a todos aqueles, a começar por ele próprio e o seu programa, que pretendiam

construir uma «teoria sociológica que não fosse dogmática acerca do desenvolvimento social, a qual poderia servir de quadro teórico para os estudos empíricos e para as tarefas práticas a que os sociólogos estariam cada vez mais ligados, nos muitos países em desenvolvimento espalhados por toda a Terra».

É possível que a insistência de Elias numa «teoria sociológica não dogmática do desenvolvimento social» assente numa visão das aldeias ou das novas indústrias, num contexto mais vasto do qual faziam parte estruturas sociais e o Estado, com os seus agentes burocráticos ou administradores, acabasse por pôr em causa a autonomia da aldeia ou da comunidade cara a uma tradição antropológica. A percepção de Elias, em relação aos diversos tempos e dinâmicas da mudança, não só punha em causa as certezas de uma sociologia funcionalista, mas também as ideias de todos os que se refugiavam nas tradições representadas por aldeias e comunidades. Essa não seria, certamente, a tradição iniciada pela antropologia urbana da chamada Escola de Manchester, fundada num diálogo mais amplo com a teoria social. Ao participar das teorias da modernização e do desenvolvimento social e comunitário, mas simultaneamente ao interpelá-las nas suas certezas, Elias parecia querer questionar o sentido dos programas políticos que marcaram a transição de muitos Estados coloniais para nações independentes e em busca de desenvolvimento. Deste ponto de vista, a sua obra está nas origens de uma reflexão crítica sobre as teorias da modernização do período posterior à Segunda Guerra. Mais: à luz das investigações críticas mais recentes sobre estas mesmas teorias, não terão as ideias de Elias envelhecido melhor do que a defesa, um tanto corporativa, da antropologia da aldeia e da comunidade tradicional que se pressente na discussão opondo sociólogos e antropólogos ⁽⁵⁷⁾?

⁽⁵⁷⁾ Nils Gilman, *Mandarins of the Future: Modernization Theory in Cold War America* (Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2003);

Uma leitura atenta da última secção de *Introdução à Sociologia* (1.^a ed. alemã de 1970) poderá ajudar a compreender melhor a sua «Teoria da Evolução Social». Para Elias, os modelos evolutivos não poderiam ser limitados aos processos internos dos Estados, nem tão-pouco limitados à dimensão económica. Mais correto se lhe afigurava centrar a análise nos processos de diferenciação e de integração, sem separar os aspetos económicos dos políticos de formação dos Estados. A partir da sua experiência pessoal no Gana e não só, Elias vai mais longe quando acrescenta que para examinar o «desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo» não chegava tomar em linha de conta os processos endógenos de evolução social, sendo falsa a distinção entre as relações dentro e entre as sociedades: «não só é falsa no contexto dos problemas atuais da evolução, mas é enganadora». Ou seja, num passado recente, a cadeia das interdependências teria aumentado, sendo impossível distinguir a evolução interna de uma tribo ou de um Estado da evolução dos equilíbrios de poder predominantes.

A cadeia das interdependências surgia-lhe como uma evidência, logo, a sua reconstituição afigurava-se-lhe como absolutamente necessária, quando se tratava de compreender os conflitos sociais. Só muito artificialmente poderiam ser dissociados os conflitos que requeriam o recurso à força física dentro de um Estado dos conflitos interestatais. Por outras palavras, não tinha sentido distinguir os conflitos, nome por que são normalmente conhecidos os primeiros, das guerras. Marx e Engels teriam insistido nos primeiros, associando-os à revolução necessária para a evolução; mas não consideraram os segundos. Ora, para Elias, o importante era perceber a interdependência dos conflitos externos e internos, bem como a interpenetração dos

Frederick Cooper, "Development, Modernization, and the Social Sciences in the Era of Decolonization: the Examples of British and French Africa", *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, n.º 10, 1 (2004), pp. 9-38 [*Histórias de África: Capitalismo, Modernidade e Globalização*, trad. Bárbara Direito (Lisboa: Edições 70, Coleção "História e Sociedade", 2016)].

processos de evolução intra e internacionais. Mais: dificilmente poderia ser aceite uma especialização diferenciadora da disciplina da ciência política, centrada no que ocorre dentro dos Estados, das relações internacionais, que olha para as relações entre Estados.

Para ilustrar a mesma cadeia de interdependências, Elias evoca a dialética dos movimentos revolucionários e contrarrevolucionários sul-americanos. A polarização das elites dominantes dentro de tais sociedades só é compreensível à luz da polarização dos grupos na cena internacional. Enquanto os estratos mais desfavorecidos, sobretudo de camponeses, são comprimidos num autêntico torno. No caso das interdependências geradas por todos estes grupos de camponeses, de elites polarizadas e de uma cena internacional também ela dividida entre Estados interdependentes, qualquer aumento do poder de uns constitui-se em ameaça ao poder dos outros. Ou seja, as tentativas dos mais fracos para melhorar as suas posições desencadeiam contramovimentos. Tal como num espelho da Guerra Fria, dividindo o comunismo do capitalismo, mais um terceiro polo constituído pela China, a mesma «polarização tem-se imposto e difundido em conflitos locais por todo o mundo».

Dada a mesma polarização, a questão que se colocava era a de saber quando é que se passaria da polarização à confrontação armada ou violenta. Sobretudo, porque a fronteira entre os poderes adversários já não era uma simples linha geográfica, sendo identificáveis várias confrontações quer latentes, quer abertas. Podendo, ainda, acrescentar-se que noutras fases da história as divisões partidárias dentro dos Estados também estiveram, muitas vezes, ligadas a divisões que os transcendiam. Porém, à medida que se estreitaram as interdependências a uma escala planetária, «a guerra [entre Estados] e a guerra civil – e mesmo a sua ameaça – cada vez mais se entrosam e interpenetram».

Neste cenário, melhor, nesta cadeia de interdependências, a excessiva concentração para efeitos de planeamento nos aspetos económicos corria o risco de falhar o alvo.

Por outras palavras, os modelos de desenvolvimento económico teriam de ser enquadrados em processos mais gerais de integração e de diferenciação, tanto a uma escala interna dos Estados, como internacional, uma vez que «todos eles são aspetos estruturados de um processo global». Sendo que era errada a planificação, tanto como a análise da mudança social confinada à manipulação de «conceitos aparentemente impessoais tais como: investimento de capital, salários, produtividade e assim por diante». Enfim, os argumentos de Elias põem em causa as disciplinas da ciência política, das relações internacionais e da economia, como compartimentos estanques. Um pouco à maneira de Comte, competiria à sociologia não só contribuir para ligar as diferentes disciplinas mas, num mundo cada vez mais interdependente, identificar a questão central: «este problema é se e até que ponto as tensões e os conflitos não controlados, entre diferentes grupos de pessoas, podem ser sujeitos a um controlo e a uma orientação conscientes por parte daqueles que neles estão envolvidos, ou se tais tensões e conflitos apenas podem ser resolvidos pela violência, quer como revoluções dentro dos Estados, quer como guerras entre eles» ⁽⁵⁸⁾.

A receção em língua portuguesa

Em 1992, existiam cinco obras de Norbert Elias traduzidas em Portugal. Desde então o panorama melhorou consideravelmente, apesar de a edição de um autor constituir uma medida imperfeita da sua influência num campo científico como o português. A *Introdução à Sociologia* fora publicada em 1980, pela Edições 70, em tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira, a partir da versão inglesa (1.^a edição alemã, 1970). No campo científico internacional, *Was ist Soziologie?* marcou o momento da redescoberta da obra de

⁽⁵⁸⁾ Norbert Elias, *Introdução à Sociologia*, trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira (Lisboa: Edições 70, 1980), p. 191.

Elias, que durante quase trinta anos ficara limitada a artigos de revista ou publicações especializadas (à exceção do já citado livro, escrito com John L. Scotson, *The Established and the Outsiders*, 1965). A *Sociedade de Corte* saíra na Estampa, em 1986, tendo a tradução sido feita com base na primeira tradução francesa, na qual não constava o longo e importante prefácio escrito por Elias, para a primeira edição alemã de 1969, acerca da relação entre a sociologia e a história. Como já foi notado, *Die höfische Gesellschaft* constituíra a tese apresentada em 1933 na Universidade de Frankfurt, mas que nunca chegou a ser discutida, dada a emigração de Elias para Inglaterra, logo após a subida ao poder dos nacional-socialistas. Assim, a distância entre o momento da elaboração e o tempo da sua difusão representa bem a figura de um autor exilado, muito tardiamente reconhecido. De *O Processo Civilizacional*, as Edições D. Quixote publicaram em 1989 e 1990 os dois volumes, numa tradução feita diretamente do alemão, por Lídia Campos Rodrigues. *Über den Prozess der Zivilisation* conhecera uma primeira edição em Basileia, em 1939, precisamente numa coleção que se propunha editar textos de autores alemães exilados. Mas só em 1969 surgiu uma segunda edição. A partir de então, por toda a Europa, pelos Estados Unidos e depois disseminando-se por um campo acadêmico global, assistiu-se a uma redescoberta desta obra, concretizada em sucessivas traduções. Por último, ainda antes da primeira tradução de *A Busca da Excitação*, a coleção «Memória e Sociedade», da Difel, já havia publicado, em 1991, *A Condição Humana*.

O período mais rico da receção de Elias em Portugal intensificou-se na década de 90. Em 1993 a Edições Asa publicou *Mozart: Sociologia de um Génio* (*Mozart: zur Soziologie eines Genies*, 1991); no mesmo ano, a D. Quixote traduziu *A Sociedade dos Indivíduos* (*Die Gesellschaft der Individuen*, 1939); em 1994 saiu, na Celta, a *Teoria Simbólica* (livro publicado, originalmente em inglês, em 1991); e, em 1997, novamente na D. Quixote, foi publicada a tradução de *Envolvimento e Distanciamento: Estudos sobre a Sociologia do Conhecimento* (*Engagement*

und Distanzierung. Arbeiten zur Wissenssoziologie, 1983). Apesar destas traduções, que asseguraram o acesso a grande parte da obra de Elias em Portugal, alguns dos seus títulos mais importantes não estão ainda acessíveis. Para os leitores de língua portuguesa, o contexto editorial brasileiro tem-se revelado mais generoso e dinâmico nas traduções de Elias, nomeadamente pelo trabalho sistemático da editora Zahar. No Brasil, foram publicados *Os Alemães. A Luta pelo Poder e a Evolução do Habitus nos Séculos XIX e XX* (Rio de Janeiro: Zahar, 1997), *Sobre o Tempo* (Rio de Janeiro: Zahar, 1998), *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a Partir de uma Pequena Comunidade* (Rio de Janeiro: Zahar, 2000), *A Solidão dos Moribundos* (Rio de Janeiro: Zahar, 2001), *Norbert Elias por ele mesmo* (Rio de Janeiro: Zahar, 2001), *A Peregrinação de Watteau na Ilha do Amor* (Rio de Janeiro: Zahar, 2005) e *Escritos e Ensaaios*, vol. 1 – *Estado, Processo, Opinião Pública* (Rio de Janeiro: Zahar, 2006). Em revistas, números temáticos e livros, a produção intelectual, crítica e reflexiva, sobre Elias também não para de crescer ⁽⁵⁹⁾.

⁽⁵⁹⁾ Norbert Elias: Leopoldo Waizbort, org., *Dossiê Norbert Elias* (São Paulo: Edusp, 1999); Alain Garrigou e Bernard Lacroix, *Norbert Elias a política e a história* (Perspectiva, 2001); Ademir Gebara, *Conversas sobre Norbert Elias. Depoimentos para uma história do pensamento* (Biscalchin Editor, 2005); Charles Fonseca Lucas, *Vida e obra de Norbert Elias nos planos filosófico e humanístico* (Jurua Editora, 2014); Andrea Borges Leão, *Norbert Elias e a educação* (Autêntica editora, 2007); Nathalie Heinrich, *A Sociologia de Norbert Elias* (Edusc, 2001) [Esta última é a única obra sobre Norbert Elias publicada, também, em Portugal (Lisboa: Temas e Debates, 2001)]; Magnus Roberto de Mello Pereira, "Cortesia, civilidade, urbanidade: conversando com Norbert Elias sobre a conformação do espaço e das sociabilidades na cidade medieval portuguesa", *História: Questões e Debates*, n.º 30 (Curitiba: Editora da UFPR, 1999), pp. 111-146; Tatiana Savoia Landini, "A sociologia de Norbert Elias", *BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, vol. 61 (2006), pp. 91-108; *Idem*, "Escritos & Ensaios: Norbert Elias em perspectiva (resenha)", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 22 (2007), pp. 169-173; Juliano de Souza et al., "A sociologia configuracional de Norbert Elias: potencialidades e contribuições para o estudo do esporte", *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, n.º 36 (2014), pp. 429-445.